

ANNO I

N. 10

51 DE MAIO 1889

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

RIO de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Alemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO.—I Ultimos livros novos, por João Ribeiro.—II Vesper, poesia de Raymundo Correa.—III A cultura philologica no seculo XV, por João Ribeiro.—IV Poesias, por João Ribeiro.—V Da educação, por Herbert Spencer.—Bibliographia Brazileira.

Livros novos

Foi agora impresso o vol. XIII, fasciculo 1º dos Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, publicados sob a direcção do Bibliothecario Dr. João de Saldanha da Gama.

Este fasciculo, um dos mais importantes da notavel collecção que é hoje um repositorio incalculavel de explendidas joias litterarias e scientificas, contem duas obras de extraordinario valor:

a) a *Historia do Brasil*, manuscrito do sec. XVII, de Fr. Vicente Salvador.

b) *Diccionario brazileiro da lingua portugueza* (letturas A a C) pelo Dr. A. J. de Macedo Soares.

D'este ultimo trabalho, verdadeiramente colossal, falaremos mais tarde, apoz o reflectido exame que a natureza do assunto requer.

Sobre a *Historia do Brasil* por Frei Vicente Salvador nada temos que adduzir, quando existe, prefaciando a obra, uma

magistral introducção devida a Capistrano de Abreu, cuja proficiencia em assumptos da nossa historia só pode ser equiparada ao seu inimitavel talento de escrever, sem pose, n'um estylo de *pleno ar*, claro e singelissimo.

Damos-lhe a palavra para que faça a historia do precioso manuscrito:

«A 20 de Dezembro de 1627, Fr. Vicente do Salvador concluiu sua *Historia do Brasil*, que dedicou a Manuel Severim de Faria.

O celebre escriptor portuguez pedira-lhe que a compuzesse e se offerecera para edita-la á sua custa. O pedido, além de vantajoso, muito honrava o nosso autor. Severim de Faria passava por um dos maiores convededores das cousas portuguezas; de quasi todos os monarcas que haviam reinado depois da descoberta venturosamente realisada por Pedro Alvares Cabral elle descrevera os annaes, quasi as ephe-merides; entre os livros que começou entrava uma Historia do Brasil. Seu offerecimento importava reconhecer as grandes

aptidões e os estudos preparatórios, que Fr. Vicente fizera do assumpto.

E' natural que ao remate da obra se guisse logo a remessa para a Europa. Entretanto o autor morreu uns dez annos depois de 1627; Severim de Faria quasi trinta, em 25 de Setembro de 1655, sem desempenhar sua palavra.

Que motivos levariam-no a isso mal se pode conjecturar. Pode bem ser que encontrasse dificuldades em obter licença para a publicação, porque já a esse tempo não gostavam os governantes que se vulgarissem notícias sobre as colônias. Pode também ser que o manuscrito não lhe chegasse às mãos. E esta afigura-se até a hypothese mais provável. Pelo falecimento do illustre conego eborense, sua bibliotheca passou para o conde de Vimiero; mas o livro de Fr. Vicente não foi no meio, como o prova o silêncio de Barbosa Machado, conhedor e frequentador daquele celebre repositório, que nem o viu nem o cita. Ainda outro indicio é que Jorge Cardoso, autor do *Agiologio Lusitano*, amigo de Severim de Faria, de quem recebeu notícias e manuscritos, também não se refere a elle. Pode ser ainda que não agrada-se o tom em que fala do Brasil e parecesse arriscado o modo porque pregava sua grandeza, sua independencia do resto do mundo.

Felizmente nem se perdeu nem ficou de todo desconhecida a historia do escriptor bahiano. Em um *Nobiliario* msc., em dez volumes, atribuído (erradamente) a Affonso de Torres, composto pelos fins do século XVII e pertencente à Bibliotheca Fluminense, por mais de uma vez é adduzido o testemunho de nosso autor, em geral sem declaração de nome, simplesmente indicando *Chronica do Brasil Msc.* Nos tomos IX e X do *Santuário Mariano* de Fr. Agostinho de Santa Maria, impressos em 1722 e 1723, são extractados ou textualmente transcriptos grande numero de capítulos, umas vezes com o nome do autor, outras sem elle.

Em nosso século a primeira notícia precisa que temos de Fr. Vicente e de sua *Historia* deparam-nos as *Réflexões críticas* de Gabriel Soares, publicadas em Lisboa em 1839 no volume V das *Memorias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, pelo nosso illustre compatriota Francisco Adolpho de Varnhagen. Alijê-se à nota 67: «Assim escreve Vicente

do Salvador, na sua *Historia do Brasil Msc.* (no capítulo 6º do primeiro dos cinco Livros), dedicada a Manuel Severim de Faria, em data de 20 de Dezembro de 1627. Até 1587, aproveita quanto refere de Soares, porém dahi por diante é original e merece ser consultado. Foi verdadeiramente com V. do Salvador á vista que Jaboatão escreveu, segundo elle declara e até o cita na p. 85 do *Preambulo* (I, p. 140 da edição do Instituto Historico). E' engracada a maneira como Salvador remata o seu livro; depois de contar a vinda de Mathias de Albuquerque, dizendo que veio para o reino e chegou a Caminha em 52 dias, termina: etc.» E Varnhagen cita-o ainda às páginas 85 e 117 do mesmo opusculo.

O codice que o nosso eminente historiador examinou, assegura-nos elle em outro escripto, *Os Indios bravos e o Sr. Lisboa, Timon 3.º*, pertencia à Bibliotheca das Necessidades. Viu-o uma vez e nunca mais se pôde achar. Isto explica o motivo porque assegura que Fr. Vicente se aproveitou do livro de Gabriel Soares, pois mais detido exame tornaria pelo menos problematica esta conclusão. Isto explica ainda o motivo porque elle diz que Jaboatão escrevera com Fr. Vicente á vista, quando o proprio Jaboatão, tratando da *Chronica* de Fr. Vicente, assim se exprime: «a qual levando-a consigo seu autor para a Província no anno de 1618, assim a ella como a esta Custodia só nos ficou a noticia que desta obra nos dão os estranhos»

Depois de Varnhagen, as notícias certas referentes a Fr. Vicente do Salvador devemos a João Francisco Lisboa, o illustre escriptor maranhense, que se achava em Portugal, encarregado pelo nosso governo de colher copias de documentos relativos à historia patria. Em 27 de Fevereiro de 1857, escreve a Varnhagen, em carta: «Apresso-me a pôr na sua presença a cópia e apontamentos inclusos acerca de Gabriel Soares, que extrahi de um volume encontrado acaso na Torre do Tombo, pelo tal meu officioso amanuense. Supponho que este Msc. não é conhecido, pois V. Ex. diz na sua ultima nota (Commentarios a Gabriel Soares), que se não sabia como nem onde elle acabara, cousas de que aqui se trata tão circumstancialmente. Mesmo no caso de não ter valia o documento, creio que o citaria para impugnar-o. Não tenho agora tempo para andar compulsando catálogos a ver si descubro o autor, mas não

me lembro de obra alguma antiga com o título de *Historia do Brazil* e na *Bibliographia* de Figanière que tenho agora á vista, não se menciona. V. Ex. poderá mais facilmente que eu rastrear-lhe a origem. Si vir que vale alguma cousa, queira servir-se do que lhe mando como cousa sua propria, pois é V. Ex. para mim e para todos o segundo autor do *Roteiro*, e quem deu vida e nome a Gabriel Soares. A' vista de sua resposta, redobrarei de esforços para ver si descubro o Msc. principal, de que este não é mais que addição e emenda.

Varnhagen respondeu-lhe que pertencia á obra de Fr. Vicente o capítulo mandado por Lisboa, que corresponde ás pp. 148/150 da presente edição, e aproveitando-se do offerecimento generoso do illustre maranhense, publicou-o sob o nome do autor com outros documentos no vol. da *Revista do Instituto* correspondente ao anno de 1858 (p. 455/468). Fique dito de passagem que mais tarde Varnhagen conseguiu ver o livro de Fr. Vicente, que aliás não cita quanto devia. As maiores e melhores novidades que contém a segunda edição da sua *Historia Geral* quanto ao periodo anterior á guerra hollandeza foram bebidas em nosso primeiro chronista, como se poderá convencer quem se quizer dar a este trabalho.

Parece que João Lisboa encontrou logo o Msc. principal, de que o outro não era mais que addição e emenda. Mesmo em 1857 ou em 1858 a copia deve ter chegado ao Rio de Janeiro. Conclue-se isto sabendo que ficou em poder do Marquez de Olinda. Ora este foi ministro do imperio, por cuja repartição corriam as copias mandadas tirar em Portugal, primeiro sob a direccão de Gonçalves Dias e posteriormente sob a de João Francisco Lisboa, desde 4 de Março de 1857 até 12 de Dezembro de 1858.

Em poder do Marquez de Olinda ficou a copia até sua morte a 7 de Junho de 1870, passando depois a seus herdeiros. Um delles incluiu-a em leilão, em que adquiriu-a o honrado livreiro desta cidade o Sr. João Martins Ribeiro, que em seguida offertou-a graciosamente á Biblioteca Nacional com outros manuscripts, arrematados no mesmo espolio.»

A's palavras do prefaciador pouco temos que ajuntar.

Já em 1887 (Dezembro) havia sahido dos prelos da Imprensa Nacional um grande recho (os dous primeiros livros) da obra

de Fr. Vicente Salvador, por iniciativa do illustre prefaciador mais a do autorizado bibliographo Valle Cabral.

A esta edição primeira, ainda que incompleta, e não concluída até hoje, presidiu excessivo esmero, não faltando notas, correções e documentos que a tornariam assás estimada se fosse levada a termo.

A edição da Bibliotheca Nacional faz honra a essa instituição e indica bem claramente quaes os benefícios que esse estabelecimento poderia produzir se a indiferença habitual dos governos não o tivesse quasi sempre mantido em sordida mesquinhez de recursos, visinha quasi da miseria.

Ha mais de 13 annos vive a Bibliotheca Nacional sem reforma, n'um lapso de tempo em que as verbas das outras repartições publicas tem quasi duplicado.

Por isso, esvaem-se com as traças manuscripts que seria urgente publicar, enquanto não os consome, de todo, o tempo voraz e inclemente.

NEOLOGISMOS INDISPENSAVEIS E BARBARISMOS DISPENSAVEIS *com um vocabulario neologico portuguez* são umas tantas pilharias reduzidas a volume in-8º, pelo conhecidissimo Sr. Dr. Castro Lopes.

Appareceram no mercado e vão em breve deliciar as populações de Pindamonhangaba e Jacarépaguá

O Dr. Castro Lopes é um homem que faz magicas. De vez em quando, apparece:

Vocês querem vêr? vou engulir tudo isto e ao mesmo tempo pôr faiscas pelos olhos.

E' mais ou menos esse, o seu processo na litteratura

Não diremos, pois, cousa alguma dos seus *neologismos*; são perfeitamente innocuos e o peior mal que podem produzir é o sonno.

Aviso:—lel-os, á noite, (1).

JOÃO RIBEIRO.

(1) Por absoluta falta de espaço deixamos de dar n'este numero a analyse critica já ha tempo devida ás *Horas alegres* de Valentim Magalhães e aos *Contos Possíveis* de Arthur Azevedo.

VESPER

(A JOÃO RIBEIRO)

Do seu fastigio azul, serena e fria,
Desce a noite outonal augusta e bella;
Vesper figura alem... Vesper! Só ella
Todo o ceu, doce e pallida, alumia.

D'um mosteiro na cupola irradia
Com frouxa luz. Em sua humilde cella,
Contemplativa e languida á janella
Triste freira, fitando-a, se extasia...

Vesper envolta em deslumbrante alvura,
O' nuvens que ides pelo espaço áfora,
A quem tão longo olhar volve da altura?

Que olhar irmão do seu procura agora
Na terra o astro de amor! O olhar procura
Da solitaria freira que a namora.

RAYMUNDO CORREA.

Deu-nos o auctor d'essa joia poetica a honra de uma visita.

R Correa, um dos melhores talentos da actual geração litteraria, prometteu-nos a sua valiosissima collaboração e para illustrar a promessa com o immedioato cumprimento d'ella, escreveu sobre a nossa mesa de trabalho o magnifico soneto que os leitores acabaram de ler

Não temos a pretenção de fazer uma *reclame* ao nome do extraordinario auctor dos *Versos e Versões* e das *Symphonias*; apenas com estas palavras, agradecemos a gentileza do poeta e damos os parabens aos nossos leitores.

Pensamentos

Os homens nem sempre amam o que estimam; as mulheres só estimam o que amam.

DUBAY

A belleza sem graça é um anzol sem isca.

NINON

A cultura philologica no seculo XVI (1)

(De um livro inedito)

FERNÃO DOLIVEIRA

III

No estudo do *vocabulo*, o grammatico portuguez inquire, um pouco toscamente, das palavras:

« Donde foram feitas, como *pelote* de *pelle* » (derivação).

« Quando foram feitas, como *sisa*, no tempo de D. João I » (historia).

« Porque foram feitas: Aveiro de *aveiro* » apellido de um passarinhador (idem).

Depois classifica por grupos varios as dicções:

Dicções alheias, ou de emprestimo feito a outras linguas, como as então recentemente importadas no portuguez: *picote*, *burel*; *arcabuz*, arma; *ulquice*, vestido (1).

Dicções apartadas, são as simples, morfologicamente indivisiveis: *é*, do verbo *ser*; *dar*, verbo, etc.

Dicções juntas, ou compostas: *des-fazer*, *re-fazer*, *contra-dizer*.

Dicções velhas, ou archaismos de então; F. D. cita: Egas, Sancho, Dinis, proprios desusados: *ruão*, cidadão; *capapelle*, vestido; *compengar*, comer o pão com outra vianda; *nemichalda*, *nemigalha*, etc. e mais: *abem*, *asuso*, *algorrem*, *hoganno*.

Dicções novas, ou neologismos; F. D. justifica os neologismos formados naturalmente, como a onomatopeia: *bombarda*.

No capitulo XXXIX F. D. classifica as dicções em *proprias* (de sentido proprio) e *mutadas* (translatas ou de tropo), e adopta a classificação dos antigos grammaticos latinos das palavras *primitivas* ou *primeiras* e *derivadas* ou *tiradas*.

Admittindo a declinação dos nomes, o erudito portuguez adopta a theoria de Marco Varrão que divide as declinações em *voluntarias* e *naturaes*.

Declinação *voluntaria* exprime apenas o processo usual da derivação e ás vezes da

(1) O primeiro artigo d'esta serie saiu ei-vado de erros pelos quaes não é responsavel o autor.

(2) As duas ultimas não nos parecem tão recentes como pensava o grammatico.

formação etymologica sem derivação imediata; taes são as variações nominaes: *gallego* e *Galliza*; flamengo e Flandres; arabigo e Arabia; livraria e livro, etc. Esse processo é livre e não pôde ser submetido a regras fixas.

Na *declinação natural*, F. D. comprehende toda a especie de variações a que hoje damos o nome generico de *flexão*: gênero, numero e caso.

O grammatico portuguez aconselha que se deixe de usar o castelhanismo *el* em *el-Rei*, allegando que os proprios hespanhóes dizem *o rei de Portugal*, quando tratam do soberano d'este paiz (1).

Nas regras sobre a formação do plural, notemos as excepções apontadas:

Sol — soles
Rol — roles (2)
Portacol — portacolos.

Nomes sem plural:

Prol — retros
Isso, aquillo, quem etc.

No tempo de Fernão D oliveira é conhecido que havia confusão entre as formas *sou*, *são* e *som*, (sum) do verbo *ser*. João de Barros queria a prosodia *som*, por analogia do plural *somos* e do latim *sum*; mas Fernão D oliveira prefere a pronuncia *sou* (ou como elle diz: *so*, com o pequeno).

Na classificação das formas infinitivas dos verbos, F. D. nota o *gerundio* (amando, fazendo) os *participios* (lido, amado, lente, regente) e os *nomes verbaes* (lição, regedor).

Na syntaxe que o velho philologo em um unico capitulo explora superficialmente, nota apenas os seguintes factos:

- a) O *infinitivo* servindo de nome: «*o ler* faz bem aos homens.
- b) As preposições que substituem casos: *Casa de Pedro* (genitivo latino).
- c) As preposições e adverbios tem officios communs: *antes*, *depois*, etc. O mesmo da-se com outras categorias: o verbo *nego* igual a *senão*, nos antigos papeis e

(1) E' pelo menos duvidoso que este *el* seja proprio do castelhano. Nos foraes genuinamente portuguezes já se encontra o *el* junto a substantivos, sec. XIII. Vide o *Foral de C. Rodrigo*.

(2) Para evitar os homophonos *soes*, *roes*, verbos.

entre os habitantes da Beira, contemporaneos do grammatico.

d) Concordancia *logica*: «marido e mulher são bons homens».

Fernão D oliveira conclue dizendo: «Nesta derradeira parte que é das *Construção ou Composição* da lingua (syntaxe) não dizemos mais porque temos começada uma obra em que particularmente e com mais comprimento falamos della».

Este trabalho, não passou de promessa, pois não consta que o erudito presbytero a tivesse escripto e muito menos publicado.

O livro de Fernão D oliveira dá uma idéa nitida da simpleza ingenua do seu espirito. Foi o primeiro grammatico da lingua: o seu trabalho que parece mediocre cotejado com os dos seus succedaneos, representa todavia ingente esforço intellectual e inventivo.

IV

JOÃO DE BARROS (1)

E' João de Barros, sem contestação, o grammatico mais notavel do seu tempo, apezar de não ser a grammatica a principal provincia de sua cultura, nem ser o motivo da grande nomeada europea do historiador portuguez. Esta ascendencia explica-se pela vasta illustração do auctor reconhecida por todos os seus contemporaneos, e pelo proprio Fernão D oliveira que o tinha por auctorizado oráculo. (2)

N'esta ligeira analyse, sirvo-me da Grammatica reimpressa em 1785 da collecção intitulada:

«Compilação de varias obras do insigne portuguez Joam de Barros... impressas em Lisboa em caza de Luiz Rodrigo.... pelos annos de 1539, e 1540. E agora reimpressas em beneficio publico pelos Monges da Real Cartucha de N. S. da Escada do Ceo. Lisboa, Na officina de Jozé da Silva Nazareth, anno M.DCC.LXXXV. »

O volume d'esta compilação contem

(1) Sobre João de Barros escrevi, ha tempos, um minucioso estudo, em que analysei a linguagem do grande classicó e as theories expandidas na sua grammatica. O manuscripto perdeu-se.

(2) Sirvo-me pois da reimpressão, não como texto philologico que é infiel.

- a) *Grammatica da lingua portugueza*. Com os mandamentos da santa madre igreja.
 b) *Dialogo da viçiosa vergonha. Olyssippone, apud Ludouicum Rotorigium Typographum*, M.D.XL. (é reproduçao da edição *princeps*).

Devo aconselhar toda a reserva na leitura d'essa reimpressão que é bastante infiel, sobre tudo no que respeita á orthographia.

As edições primitivas são rarissimas e no Brazil apenas existe um exemplar do *Dialogo da viçiosa vergonha*, da ed. de 1540, o qual pertence á Biblioteca Nacional.

Da reimpressão dos Monges da Cartucha, direi com Innocencio que houve pouca fidelidade na transcripção do texto, como prova a brochura *Errata para servir de appendix a Compilação...* Coimbra, 1830, feita laboriosamente pelo professor Joaquim Ignacio de Freitas que conseguiu ver um exemplar da edição primitiva e fazer o confronto com a reimpressão, descobrindo cento e setenta tres erros.

Quanto ao merito dos editores, basta notar que affirmam ter sido Barros o primeiro auctor de uma grammatica, quando é cousa sabida que o havia precedido Fernão Doluteira. (1)

—
 Não falarei aqui do methodo de soletração adoptado por João de Barros, por isso que não disponho do material typographic necessario para a reproduçao em *fac-simile* das illustrações que ha no seu livro

—
 João de Barros define a Grammatica : « E' um modo certo e justo de falar e escrever, colheito do uso e autoridade dos barões doutos.
 « Nós podemos lhe chamar artificio de palavras postas em seus naturaes lugares; para que mediante elas, assim na fala como na escritura, venhamos em conhecimento das tensões alheias ». (2)

(1) Aliás, já tinha desenvolvido praticamente o assumpto na *Cartinha para aprender a ler*, que serve de introduçao á grammatica.

(2) Barros não menciona o ponto *admirativo*, que aliás se encontra, bem que raro, nos seus livros e nos textos do tempo. O ponto e virgula (;) não aparece no texto da grammatica, e tudo faz crer que não era de uso.

Divide-se em quatro partes: Orthographia, que trata de letra; Prosodia, que trata de syllaba; Etymologia, que trata da dicção; e Syntaxis, a que responde a construicão. (1)

No estudo da syllaba, J. de B. descobre tres *accidentes*: *numero* de letras (que varia de uma a tres consoantes), *espaço* de tempo (quantidade) e *Accento* alto ou baixo. Sobre a quantidade, J. de B. admite-a um pouco duvidosamente, dizendo que o nosso ouvido não a percebe de todo, como a sentiam os gregos e latinos.

Por esse resumo, vê-se que Barros pouco se occupou com a *prosodia* (phonologia), assumpto a que deu maior cuidado Fernão Doluteira (2) mas reservou um longo capitulo final para a orthographia, da qual trataremos agora.

Na orthographia da lingua, Barros como F. Doluteira, é partidario do systema phonetico ou da pronuncia. As regras principaes do escrever são no seu conceito, cinco :

1. « Escrever todas as dicções com tantas letras com quantas as pronunciamos sem pôr consoantes ociosas. »
2. « Não acabar as dicções em letras mudas ».
3. « Só se pôde usar dobradas as semi-vogaes: l, m, n, r, s. »
4. « Toda a dicção que se escrever com letra dobrada, a primeira das letras será da precedente syllaba... *el-le*. »
5. « Todos os nomes que terminam em syllaba *am. em....* devem ser notados com o *til* (pães, homê, etc.)

Para dar mais completa idéa da orthographia do tempo, convém notar os seguintes factos, taes quaes se acham expostos pelo insigne grammatico :

• Y só se usa no meio ou no fim das dicções em diphthongo : *meyo, pay*.

O quando usado como relativo (pronome) propõe J. de B. que se accentue — ô : (este livro se ô guardarem bem....)

(1) Esta ultima definição convém melhor á linguagem do que á grammatica

(2) João de Barros é o primeiro que introduz o vocabulo *syntaxis* ou *syutaxe*, que não aparece em Fernão Doluteira. Ambos conheciam os trabalhos do grammatico hespanhol Nebrissa.

V e U confundiam-se como caracteres, e J. de B. faz ver que se deve empregar o *v* como consoante e o *u* como vogal.

C cedilha-se tambem antes de *e*, *i*, quando soa *s*.

G e J. Regra: os nomes proprios escrevem-se com *J* (Jeremias, Jerusalem) e os communs com *G* (gente, geada).

N nunca se usa no final das dicções: *irmã* e não *irman*.

O. Regra: «*Qua*, usaremos ás vezes (quando soa *o* ou *u*: *qual*) ; *que*, *qui* (ke, ki) sempre; *quo*, *qui*, nunca.» Por ahi se nota a prosodia antiga: contia (quantia) cantidade, etc.

PONTUAÇÃO. Os signaes de pontuação notados por João de Barros são os seguintes:

Côma (dous pontos).

Colo (ponto).

Vergas (virgulas).

Entreposiçam (parenthesis).

! onti's interrogativos.

V

JOÃO DE BARROS

No estudo dos NOMES, J. de B. classifica-os em *proprios* e *communs*; entre os proprios estabelece as especies *prenome* (Dom) *nome* (Vasco) *conhome* ou *apelido* (da Gama) e *anhome* ou alcunha (almirante.)

Classificados os grupos *substantivo* e *adjectivo* (qualificativo) Barros estabelece o grupo dos *Relativos* que são os «que fazem lembrança de algum nome que fica atraç».

Os *Relativos* são classificados em dous generos:

A) *Relativos de sustancia*, que se referem a substantivos: *que*, *qual*, etc.

B) *Relativos de accidente*, que se referem a adjectivos: *tal*, *quanto*, etc.

a) De qualidade: *tal*, *qual...*

b) De quantidade continua: *tamanho*, *quamanho...*

c) De quantidade apartada: *tanto*, *quanto...*
(numero da cousa)

João de Barros determina ainda a taxonomia dos nomes do seguinte modo:

1. Patronymico: *Gonçalves*, Gonçalo.
2. Possessivo: *Christão*, de Christo.
a) gentilico: *algaravio*, do Algarve.
3. Diminutivo: *molherzinha*, molher.
4. Aumentativo: *molheram*, cavallã, velhacaz, ladrabaz.
5. Comparativo: *mayor*, *mithor*, *pior*: forma-se com *mais*.
a) Superlativo; forma-se com *muy*, *muito*; notam-se alguns já formados do latim: *doutissimo*, *sapientissimo*.

NOMES VERBAES. São os que se tiram dos verbos: *amor*, de amar: *sospiro*, *choro*, etc. e os infinitivos: o nosso triste *viver*.

NOMES PARTICIPIAES. São os que se tiram dos participios: *amador*, de amado; *doutor*, de douto.

N. ADVERBIAES. São os que se derivam dos adverbios: *avantante* de avante; *soberano*, de sobre: *forasteiro*, de fora; *trazeiro*, de atraç. «E são muy pocos» d'esta classe.

J. de B. exemplifica os seguintes nomes compostos: *guarda-porta*, *redefole*, *arquibanco*, *torcicolo*, *mordefuge*, *traspe* (atraç, pé).

No enunciado das regras sobre os *numeros* (1) são de notar-se os seguintes factos apontados pelo philologo:

Tem *plurar* (2) e não singular os nomes: *fuvas*, *grãos*, *tremoços*, *lintilhas*, *ervilhas*, *cominhos*, *migas*, *papas*, *farelos*, *andes*, *andilhas*, *calças*, *ciroula*, *manteés*, *alforges*, *grethos*, *tenazas*, *tisouras*, *bofes*, *parreas*.

Na formação do plural os nomes em *ay* tomam *es*: *pay*, *payes*.

Os nomes em *il* mudam o *l* em *is*: *ceitil*, *ceitiis*, *fonil*, *soniis*.

Os nomes em *am*, *em*, *im*, *om*, *um*, formam o plural mudando o *m* em *til*: *bem*, *beés*, *pentem*, *péntées*, *beleguim*, *beliguiis*, *bom*, *bōos*, *tom*, *tōos*, *atum*, *atuus*, *ipretum*, *ipretuuus*.

J. de B. admite a existencia de declinações, como era modo geral de ver no seu tempo, dando o valor de casos aos grupos de nomes com as preposições e artigos: *o*, *do*, *oo* etc.

«*Verbo*, diz o grammatico quinhentista, é uma voz ou palavra que demonstra obrar alguma cousa.»

(1) Barros diz sempre *plurar* (plural) naturalmente por analogia do sufixo *singular*.

(2) Reproduzo apenas o autor.

João de Barros dá as classificações ainda hoje vulgares: verbo *substantivo*, *adjectivo*, *activo*, *passivo*, *neutro*, *impessoal*, e mais:

Augmentativos—embranquecer, adoecer, (*doér*) estremecer, (de *tremor*).

Diminutivos—choromigar (de *chorar*) batocar (de *bater*).

Denominativos, derivadas de nomes: *armar* (armas) *selar* (sela) *pentejar* (pente) *ladrilhar* (ladrilho).

Adverbias — avanteiar (avantajar, de avante).

De tudo, porém, o que de mais valor se me afigura é o paradygma das congregações que foi o primeiro organizado na gramática da língua vernacula.

J. de Barros adopta para os *modos* e *tempos* denominações originaes como veremos pela breve analyse do seu sistema de conjugação (1):

I. MODO PARA DEMONSTRAR

1. Tempo presente	<i>Amo</i>
2. — passado não acabado	<i>Amava</i>
3. — — acabado	<i>Amei</i>
4. — pass. mais que acab.	<i>Amara</i>
5. — vindoiro	<i>Amarei</i>

II. MODO PARA MANDAR

1. Tempo presente	<i>Ama</i>
-------------------	------------

III. MODO PARA DESEJAR (optativo)

Tempo presente	<i>Amasse</i>
1. — pass. não acabado	<i>Amára</i>
2. — " mais que acab.	<i>Tivera amado</i>
3. — vindoiro	<i>Ame</i>

IV. MODO DE AJUNTAR (subjunctivo)

1. Tempo presente	<i>Ame</i>
2. — passado não acab.	<i>Amaria</i>
3. — passado acabado	<i>Amára</i>
4. — vindoiro	<i>Amar</i>

V. MODO INFINITO

1. Tempo presente	<i>Amar</i>
2. — passado	<i>Ter amado</i>
3. — vindoiro	<i>Aver de amar</i>
a) Gerundio	<i>Amando</i>
b) Partic. do tempo pass.	<i>Amado</i>

A simples inspecção e exame d'esse modelo, o primeiro organizado na língua,

(1) Apesar da nomenclatura em vulgar, os latinismos *indicativo*, *subjunctivo*, *optativo*, *preterito*, etc. são escritos em outros capítulos e foram vulgarizados pela autoridade de Barros. Fernão Dolveira pouco escreveu sobre os accidentes do verbo.

mostra a anarchia e confusão primitiva dos grammaticos que apenas representavam a cultura dos trabalhos de Pinho, Quintiliano e poucos outros da edade latina e medieva. (1)

Sobre particulas, nada ha que mereca registro, a não ser as seguintes classes de adverbios, que foram rejeitadas pelos grammaticos posteriores:

Adverbios de chamar: Ou, oulá; *de despertar*: eia, sus, asinha; *de desejar*: ofé, oxalá. Estas vozes são consideradas interjectivas. (2)

Resta-nos estudar a *syntaxe* ou *construção* — parte verdadeiramente originada do livro original, pois F. Dolveira não entrou na apreciação da *phrase*, como elemento do discurso.

JOÃO RIBEIRO

Poesias

N'uma das secções d'esta folha temos publicado varias poesias do nosso companheiro de redacção, João Ribeiro. E' nos mister declarar que alguns versos têm, por infeliz descuido, saído truncados, sem que o auctor tenha n'isto a menor culpa.

No entanto, é opinião particular do auctor que, a respeito de certa novidade de metrificação, censurada, o endecassyllabo deve ser segurado fora da sexta syllaba, quando este expediente for necessitado para a bellesa do verso. Exemplo:

« Aspira as sedosas fructas vedadas »

Com tudo, poetas de grande valor maiormente rejeitam, como desharmoniosa, tal feitura do endecassyllabo. E por isso o auctor, quando reunir em volume os ver-

(1) E' inconcussa a influencia da philologia castelhana facilmente verificável. Dos trabalhos puramente philologicos de Nebriga na Bibl. Nacional as seguintes: 1. *N. in latina grammatic. introd.* (1513) in-fol. 2. *Diction.* Lugd. 1655 com o annexo *Dicc. de romance*. 3. *Dict. quadruplex.* Granada, 1567 e as ed. de Madrid de 1665 e 1754 e as edições seguintes da celebre *grammatica*, Madrid, s. d. (Ibarra); *ibi*, Ezquerro, 1727; Sevilla, N. Rodriguez, 1637, e Madrid, 1715, todas in-8°. Voltaremos ao assumpto, adiante.

(2) Barros adoptou um grupo de adverbios que deveria ser revocado: adverbios de jurar: certo, por Deus, pela alma de meu pae — são verdadeiros adverbios de jurar,

sos aqui estampados, fará as modificações que o gosto mais geral exige, nos poucos casos em que desejava não subordinar-se á quelle gosto.

Cumpre-nos declarar que varios jornaes das provincias, e ultimamente um da Bahia, têm transcripto as poesias do nosso confrade sem declarar a fonte donde as tiraram e nem siquer nomeiar o auctor—o que poderá mais tarde auctorizar a calunia dos criticões d'esta terra.

Em marcha

O' almas — velhas scentelhas —
Matemos as nossas dores,
Busquemos como as abelhas
A medicina das flores.

Não é sem razão que eu venho
Para olhar o verde prado.
A adoração é o peccado
Que de vez em quando eu tenho.

O que não curam doutores
Hão dc curar-nos as rosas ;
Eu tenho mais fé nas flores
Do que no resto das cousas.

Imaginavam outr'ora
As filhas da arte pagã,
Que o rosto voltado á aurora,
A' inundaçāo da manhã,

Dava aos labios tentadores
Essa humidade r̄bente
Que se mostra unicamente
Sobre a corolla das flores.

Nossa alma — heroina fria
Deve ter, como as creancas,
Em vez da luta a alegria,
Ter azas em vez de lanças.

Como n'um prisma perfeito
De crystalinos fulgores,
A luz penetrando o peito
Decompõe-se em varias cores.

E n'uma estrofe nervosa
Invoco a musa que eu amo :
A rima é como uma rosa
Na extremidade d'um ramo.

Vae-se andando nas estradas,
Ouvindo sahir das flores
O riso das amoradas
E a canção dos lavradores.

Vere..., perdido o rumo,
Traç'a no azul celeste
Ao longe a espiral de fumo
Que sac da choupana agreste.

Mas voltemos... eu mal posso,
Ao soltar as minhas trovas,
Pendurar-lhes ao pescoço
Os guizos de rimas novas.

(Avana e Cythara, 1885)

Scherzo em Cythara

I

*Tu perguntavas porque
As aves cantam sonoras
Quando a luz surge ás seis horas
No arrebol.*

*Põe a mão aqui e vê,
Escuta bem, minha santa,
Meu coração tambem canta
Quando vcm chegando o sol.*

II

*Olha, Maria,
D'aqui eu vejo o campo verdejante
Que se estende ondulado e mais adeante
Vejo do céo a abobada sombria.*

*Da janella se avista a praia'raca
Onde o oceano brada entre os escolhos...
— Mas donde é que me rés da tua casa?
Para te ver ? é simples ! fecho os olhos.*

III

*Vaes-te embora e vaes deixando
O que te fizera escrava..
Tudo quanto dei-te quando
Te amava,*

*Jogarás ao mar immenso
Qualquer signal'perigoso :
As joias, o anel e o lenço
Cheiroso.*

*Has-de apagar os resabios,
Os nuncios de meus desejos,
Mas não tiraras dos labios
Os beijos.*

IV

*Quando ella entrou na alcova
Um peregrino aroma delicado,
Uma poesia nova
Volteiou-se no ar tranquillisado.*

*Foi deitar-se offegante...
Descançaram-lhe as mãos por sobre o peito.
Sob o corpo elegante
Molle afundou-se o estofo azul do leito.*

*Mas o sonno fugia...
Porque ainda sua alma estava presa
A' fugitiva alegria
Que experimentou dançando a valsa ingleza...*

V

*Revoam pelo azul as aves do deserto
N'um pluvioso bando aereo enfebrecido :*

*E a sombra d'ellas cae no campo descoberto
Riscando pela terra um traço indefinido;*

*Assim quanao na vida --- as vezes batem a aza
As minhas illusões, meus sonhares de creança,*

*A sua sombra ideal vae como um ferro em braza
Riscando no meu ser os sulcos da esperança.*

(A. C. e D. S., 1884-85)

No Capitolio

A VICTOR HUCO

Vamos fazer-lhe a estatua ! a voz do mundo brada,
Para fazer-lhe o torso, os pés, os braços, o homem,
E' preciso a montanha, é necessário o assombro.

Calculo a sua voz se escuta na explanada
As vozes do tufo coléricas e graves
Irem diminuindo até um canto de aves.

Para formar a fronte augusta do Poeta
E' preciso reunir a luz que o sol espalha,
Dês que surgiu na terra a geração humana ;

Mais a curva de um astro e mais a linha recta
Que as orbitas cortou dos sóis, fazendo cruz,
A palavra de Deus no Eden : faça-se a luz !

E' possível assim esculpturar-lhe o crâneo :
Tanta constelação o fulgura e reveste
Que para o mundo da Arte é a abóbada celeste

E aquella boca rubra onde o bater titaneo,
Da Idéa — a martellar sobre a bigorna ardente,
Faz saltar com burida a fagulha candente.

Será de bronze ? o bronze é todavia escasso ! ...
Mas elle surgirá do caos, dos cataclismos,
Como os mundos que vêm da forja dos abysmos.

Ninguem sabe senão que elle encherá o espaço,
Quando a pupilla aclara os cantos do Universo
Co' a asperesa da luz e a penumbra d'um berço.

Cresce como atravez do tempo cresce um mytho...
'Stando à frente do sol, sob seus raios louros,
A sombra irá enchendo os séculos vindouros.

E o grande monumento erguido no infinito
Terá por pedestal a Terra ajoelhada :
A estatua já está feita ! a voz do mundo brada.

Na grande combustão da natureza inculta
E' que o supremo herói sae feito da fornalha
Pela revolução ou por uma batalha.

Elle caminha, sai, cresce, recresce, avulta,
Vêra o céo e o penetra, a imensidão arrasa...
Pois contra o espaço existe uma só causa : uma aza.

A alada estrofe eu vi cantando como um sino,
Que plangia de cima e vinha das alturas
Para alcançar melhor as gerações futuras.

Ella trazia na aza o pollen peregrino
Poeira da sua dor, aquelle pollen que ha-de
Fecundar no futuro a flor da Liberdade

E elle — o grande — de pé, austero, emocionado,
Estendia no espaço a já tremula e mansa
Mão que era uma ponte entre o crime e a esperança.

No seio colossal do futuro assombrado
Ha-de sulcar a historia um luminoso cinto.
Rastro da eterna luz d'esse vulcão extinto.

Maio—85.

Et jam humida nox...

E Sigisberto entrou. O alchimista, o rabbino,
Lançou-lhe o dubio olhar sagace e pequenino ;

E o moço disse : — Eu quero um veneno que mate,
Trahiu-me o amor. Oh dê-me o sonno derradeiro.

Um silencio claustral. De vez em quando batte
O vento nos ramaes d'un velho pecegueiro.

O velho sabio ausculta o coração doente.
Vae meditar de novo e o moço attento vê
Sobre os labios senis um riso indiferente.
— Venha o veneno, disse o joven contristado

— E' inutil porque
Estás envenenado.

(Avena e Cythara) 1885.

.

Lucinda, a meiga, e Lucia, a bella peccadora,
No instante de partir pois tudo parte um dia
Vi-as a soluçar, a ultima vez que as via,
Nem me pesou de as vêr por largo mar em fôra.

Hui diversa, porém, foi de certo a alma fria,
O desdenhoso amor de altissima senhora,
Que hoje se parte e vai sem se lembrar dessa hora
Em que juras de amor e enganos promettia.

Tive ao tomar-lhe a mão a hypocrisia louca
De o semblante mostrar, sereno, brando e liso...
Mas tanto a dor de amar nos magda e suffoca,

Que quando grave, altivo, o mudo labio friso,
E me ageito a sorrir... dos olhos té a boca
A lagryma desceu para gelar-me o riso.

1887.

Teu olhar

Teu doce olhar purissimo e, radiosso,
Minha candida flor estremecida,
Teu doce olhar é um fluido perigoso
Que pode envenenar-me toda a vida.

Tem elle o saibo cru e setinoso
D'uma exquisita, e oriental bebida
Cujo aroma fatal propina o gozo
E logo apôz o tédio do suicida,

Sim ! esse fluido ethereo e desejado
Que desce para mim a toda a hora
(E desce porque eu fico ajoelhado)

Ha de ser-me fatal logo ou agora...
Porque elle encerra, n'um momento dado,
A noite escura e ao mesmo tempo a aurora.

1884.

Recuerdos

Por falares de flores

*Lembrar-te-ás talvez que uma tarde nós fomos
Juntos a nos contar as nossas mutuas dôres*

E a gente que passava,

*Como a raposa ao ver inacessiveis pomos,
O nosso ardente amor essa gente invejava.*

Um, em frente chegando,

*Olhou-nos muito e disse : «E', certo, o pae e a filha»
Só para envelhecer-me a idade me augmentando.*

Mais outro, a maravilha

*De teus labios a rir, perspicuamente encara :
A dentadura é falsa e com excesso brilha.»*

Uma mocinha pâra,

*E ao vêr da tua bocca a linha deliciosa :
A tinta, exclama, está certamente mais cara.»*

...

Depois de nos livrar de tal gente invejosa,

*Ambos fomos buscar o sol, a natureza,
E o mar que não maldiz das petalas da rosa.*

E o vasto mar cu vi prometter com larguezas

*As perolas, si tu lhe desses por ventura
Da fabulosa bocca a encantada riqueza.*

No bosque vi descer um passaro da altura

*Pois teus labios julgara uma flor de liana
Ensanguentando a eterna e uniforme verdura.*

...

Monstruosidade mais que outros monstros immensa,

O' desengano ! cu disse. Humanidade insana

Que faz com que no mundo a todo o instante vença

A bruta natureza à natureza humana !

1887.

Da educação**QUAL É O SABER MAIS PROVEITOSO**

(Continuação)

De facto, exceptuando algumas classes pouco numerosas, em que é que se empregam os homens? Na producção, na preparação e na distribuição dos objectos de utilidade. E de que depende o sucesso na producção, na preparação e distribuição d'estes objectos de utilidade? Depende do emprego de methodos adoptados á natureza especial de cada um d'estes objectos, do conhecimento exacto das suas propriedades physicas, chimicas e biologicas, segundo o caso; numa palavra, depende da sciencia.

Este ramo do saber, que é em grande parte despresado nos cursos escolares, é aquelle em que se funda a realisação dos progressos que tornam possível a vida civilizada. Muito embora seja isto uma verdade indiscutivel, parece que não se

tem realmente consciencia de tal cousa: precisamente pelo habito estabelecido é que não se pensa nisso. Para dar também á nossa argumentação toda a força que lhe pertence, devemos tractar de tornar esta verdade bem sensivel ao leitor, passando rapidamente revista a esses factos.

Deixemos de lado a mais abstracta das sciencias, a logica, guia necessaria todaia, da qual depende, quer o tomem ou não em conta, pelo rigor das suas previsões, o grande productor e o grande negociante e consideremos em primeiro lugar as mathematicas. Esta sciencia, como sciencia dos numeros, dirige todas as actividades industriaes, quer se trate de determinar operaçoes, de effectuar avaliaçoes, comprar ou vender mercadorias, ou fazer contas. E' escusado fazer sobre-sahir aos olhos de pessoa alguma a importancia d'este ramo das sciencias abstractas.

Para as artes de construcção é indispensavel ter alguns conhecimentos no ramo especial das mathematicas que se lhe applicam. O carpinteiro de aldeia, que traça o plano do seu trabalho segundo as regras empiricas, bem como o constructor d'um *Britannia bridge* (1), faz applicações continuas das leis da sciencia no espaço. O agrimensor que mede a terra comprada, o architecto que traça o plano da habitação que se pretende edificar, o empreiteiro que abre os alicerces, o canteiro que talha as pedras, os diversos artistas que ajustam partes do edificio, todos são guiados por verdades geometricas.

A construcção dos caminhos de ferro desde o principio ao fim é regulada pela geometria: preparação dos planos e córtes, traçados das linhas, medidas das vallas e taludes, planos e construcções de pentes, aqueductos, viaductos, tunneis e estações. Outro tanto sucede nos portos, docas, caes e diferentes trabalhos do engenheiro ou do architecto, que se prolongam ao longo das costas, ou cobrem o paiz, não sómente á sua superficie, mas até nas minas e profundidades do solo. Nos nossos dias o proprio caseiro se serve d' nivel para collocar convenientemente

(1) Sob o nome de sciencias *abstracto-concretas* Herbert Spencer designa a mechanica, a physica, a chimica, que formam na classificação por elle adoptada, a transição entre as sciencias *abstractas*, (mathematicas) e as sciencias *concretas* (astronomia, geologia, biologia e sociologia).

os tubos de esgoto, isto é recorre aos principios geometricos.

Em seguida vêm as sciencias abstracto-concretas (1). O exito da industria moderna depende da applicação da mais simples d'entre todas, a mechanica. As propriedades da alavanca, do cabrestante são empregadas em toda a mechanica, e é ao uso das machinas que hoje nós devemos todos os productos. Acompanhae a historia de um pequeno pão. O solo d'onde sahiu foi lavrado por meio de tubos de terra feitos á mechanica; a superficie d'este solo foi revolvida por uma machina; o grão foi ceifado, malhado e limpo por machinas; a machinas foi moido e moldado; e se a farinha tivesse sido expedida a Gosport (2) teriam podido transformal-a em bolacha por meio de machinas. Olhae em torno de vós na casa em que estais. Se é de construcção moderna, é provavel que os tijolos dos muros tenham sido fabricados á machina; que o solho fosse serrado e aplainado pelas machinas; que ás machinas ainda foi serrado e aplainado o panno da chaminé, os papeis pintados fabricados e impressos pelo mesmo sistema. O embutido da mesa, os pés torneados das cadeiras, o tapete, as cortinas, tudo isto foi producto da machina. O panno do nosso vestido, unido, talhado ou impresso, não foi acaso completamente tecido, talvez mesmo cozido por meio de machina? E' o volume que lêdes, porventura essas folhas não foram fabricadas por uma machina e cheias por outra com as palavras que nelle vêdes? Accrescentae a isto que os meios de distribuição das mercadorias, por terra e mar, são da mesma forma egualmente devidos a machinas. E agora observae que o exito ou insucesso de qualquer industria depende de que a sciencia mechanica seja bem ou mal applicada. O engenheiro que commette um erro calculando o poder dos materiaes que emprega, construe uma ponte que se serve de uma machina sua não pôde competir com aquelle cuja machina perde menos força pelo attrito e inercia. O constructor de navios que se dirige pelo antigo modelo é supplantado por um outro

(2) Gosport, juncto a Portsmouth, onde ha uma grande fabrica de bolacha para a marinha.

(1) É o nome da famosa ponte tubular, construida em 1850 por Stephenson, ponte que reuno a ilha d'Anglesey ás costas do país de Galles.

que construe conforme o principio reconhecido em mechanica da linha de fluctuação. Ora como a aptidão d'uma nação em sustentar a concurrence das demais depende da actividade e habilidade dos individuos que a constituem, segue-se que os progressos, nesse paiz, realisados pela sciencia mechanica, pôdem mudar o destino do paiz.

Flevemo-nos agora das ramificações da sciencia abstracto-concretas que se occupam das forças mechanicas aos ramos da sciencia, que tractam das forças moleculares, e chegaremos a uma nova e vasta serie de applicações. E' a este grupo de sciencias, juncto aos grupos precedentes, que devemos a machina a vapor, que economisa o trabalho de milhões de braços. A secção das sciencias physicas que formula as leis do calor ensinou-nos como se pôde economisar o combustivel de numerosas industrias; como se augmenta o producto dos altos fórnos substituindo o ar quente pelo ar frio; como, se ventillam as minas; como se evitam as explosões pelo uso da lampada de segurança; e como emfim, por meio do thermometro se regula a applicação de um grande numero de processos. Uma outra secção da physica, que tem por objecto o estudo dos phenomenos da luz, dá olhos ao velho e ao myope, ajuda pelo microscopio a descobrir as enfermidades e sophisticacões, ao mesmo tempo que previne naufragios pelo uso de pharoes aperfeiçoados. As descobertas da electricidade e do magnetismo salvaram um numero incalculavel de existencias e de riquezas por intermedio da bussola; impulsionaram muitas artes por meio da electrotypia; e fornece-nos agora com o telegrapho um agente que, no futuro regulará as transacções commerciaes e desenvolverá as relações politicas. Até nas minuciosidades da vida domestica, desde a fornalha de cosinha aperfeiçoadada até ao stereoscopio d'uma mesa de sala, os progressos da physica acabam de contribuir para o nosso bem-estar e para os nossos gosos.

Muito mais numerosas ainda são as applicações da chimica. A lavadeira, o tintureiro, o fabricante de chitas entregam-se a operações que dão melhor ou peior resultado conforme applicam ou deixam de aplicar as leis da chimica. A chimica deve servir de guia para a folha de cobre, de

estanho, de zinco, de chumbo, de prata e de ferro. A refinação do assucar, a fabricação do gaz, a do sabão, a da polvora, são operações chimicas na maior parte; outro tanto sucede com a fabricação do vidro e da porcellana. Distinguir o ponto em que as materias destinadas á distillação param na fermentação alcoolica d'esta ou passam á fermentação acida, é uma questão de chimica d'onde provém o lucro ou a perda para o fabricante de cerveja. E, se ha uma fabricação em larga escala, terá vantagem em ter um chimico dirigindo esta ordem de trabalhos do seu estabelecimento. De facto, não ha industria alguma que presentemente não dependa da chimica. A propria agricultura nos nossos dias necessita de similhante guia quando d'ella se pretender tirar proveito. A analyse dos estrumes e do solo, a apreciação da adaptação de uns aos outros, o emprego do gypso ou d'outras substancias que fixam o ammoniaco, a utilização dos caproliths (1), a producção de pastos artificiales, são outros tantos beneficos da chimica, com os quaes é util que o agricultor se familiarise. Quer se tracte de phosphoros ou da desinfecção das aguas sujas dos canos, de photographia, de pão sem fermento ou de perfumes extraídos dos detritos, nós devemos reconhecer que a chimica representa um papel em todas as industrias, e que por esta razão esta sciencia interessa a toda a pessoa que directa ou indirectamente se occupa da producção industrial.

Nas sciencias concretas nós chegamos em primeiro lugar á astronomia. Da astronomia nasceu a navegação, que tornou possível o immenso commercio exterior que faz viver uma grande parte da nossa população ao mesmo tempo que nos fornece muitos objectos de primeira necessidade e a maior parte dos artigos de luxo.

A geologia é ainda uma sciencia cujo estudo concorre, em larga escala, para o progresso industrial. Hoje que as minas de ferro são uma tão grande fonte de riqueza, hoje que a duração do nosso abastecimento de carvão se tornou uma questão de grande interesse, presentemente que nós temos uma escola de minas e um quadro de inspectores geologicos, não é

necessario insistir sobre esta verdade: que o estudo do involucro terrestre importa á nossa prosperidade material.

E que diremos da sciencia davida, a biologia? Acaso não é ella de uma importância capital pelo que concorre para a conservação directa de nós mesmos? Tem ella na verdade poucas relações com o que ordinariamente chamamos «produção industrial»; mas está inseparavelmente unida á primeira das industrias, a produção dos alimentos. Como a agricultura deve conformar os seus methodos com os phenomenos da vida vegetal e animal, segue-se que a sciencia d'estes phenomenos é a base racional da agricultura. E' verdade que muitas verdades biologicas foram empiricamente reconhecidas e applicadas pelos agricultores antes de serem scientificamente concebidas. Elles sabem, por exemplo, que certos estrumes convêm a certas plantas, que determinadas colheitas tornam o solo improprio para outras, que cavallos mal alimentados não pôdem produzir bom trabalho, que tal ou tal enfermidade do gado e dos carneiros se produz em tal ou tal condição. Estes conhecimentos e os que o agricultor adquire todos os dias, pela experientia, sobre a maneira de tratar as plantas e os animaes, constituem a somma de factos biologicos que lhe são familiares e o sucesso d'estas empresas depende em grande parte da maneira como se applicam estes conhecimentos. Ora, visto que estes factos biologicos, raros, mal definidos, rudimentares, vieram tão poderosamente em seu soccorro, julgæ de que valor estes mesmos factos seriam para elle, se elles se tornassem positivos, bem definidos e aprofundados. Desde hoje podemos nós ver os beneficos que lhes proporciona a biologia racional. A verdade que a producção do calor animal implica uma perda de substancia e que por conseguinte, impedindo o desperdicio do calor, previne a necessidade de um augmento de alimentação; esta verdade, resultado de uma conclusão puramente theorica, guia hoje o criador na engordado gado: está provado que, sustentando os estabulos a uma temperatura mais elevada, se economisam forragens.

(Continua)

(1) Excrementos fosseis empregados como adubo por causa do phosphato de cal que contem.

Bibliographia Brazileira

ANNO II — 31 DE MAIO DE 1889 — BOLETIM X

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

LIVROS

118.—ALMANAK do municipio para 1889. Contem grande copia de informações de interesse geral e principalmente deste municipio (S. José d'Alem Parahyba); Kalendario para 1889 e esboço para 1890; alistaamento geral dos eletores do 9º distrito de Minas (revisão 1888); posturas da Camara Municipal d'esta cidade; secção recreativa e litteraria, em que figuram nomes de subido merito, e grande quantidade de annuncios, etc. — Primeiro anno. — Preço 1\$000. Distribuição gratuita aos Srs. assinantes. Typ. S. José d'Alem Parahyba. Minas.—1889—16º com 213-39 e varias innumeradas, com um retrato do Dr. Francisco de Paula Tavares.

119.—BENTO DE MELLO Gramineas. Rio de Janeiro, Imprensa Mont'Alverne 1889. —16º com 110 pags.

120.—BRAZIL. BOLETIM POSTAL. Anno I. —Rio de Janeiro, Maio. Imprensa Nacional 1889 (sem frontespicio), 8º com 42 pag.

121.—BRAULIO CORDEIRO JUNIOR. Castalidas. Versos 1883-1886.—Victoria, Typ. d'O Espírito-Santo. 1889—8º com 109 pags.

122.—DECRETO n. 10,205, de 16 de Março de 1889.—Approva provisoriamente as novas Instruções Regulamentares e tarifas para o transporte de passageiros e mercadorias pela estrada de ferro D. Theresa Christina, na província de Santa Catharina, em substituição das que baixaram com o decreto n. 9,224 A de 31 de Maio de 1884.—Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889 (sem frontespicio) 8º com 72 pags.

123.—MEMORIA (á) de Victor Hugo, 26 de Fevereiro, 22 de Maio de 1885. Homenagem do Pará. Corytiba, 22 de Maio. Typ. e lith. do Commercio, á vapor. Corytiba, rua do Riachuelo, 8º com 8 pags.

124.—POSTO MEDICO da Caixa de Socorros D. Pedro V, fundado em 1 de Fevereiro de 1889.—Rio de Janeiro, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & C., 61 rua do Ouvidor. 1889.—8º com 49 pags.

125.—PROGBAMMAS do ensino das matérias da faculdade de medicina do Rio de Janeiro, para o anno de 1889. Approvados pela Congregação.—Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889. — 8º para a 3ª serie 6 pags., para a 4ª 8 pags., para a 5ª 11 pags., para a 6ª 9 pags., brochados em separadamente.

126.—PAULINO D'ASSUMPÇÃO (M) Escola primaria. Lições á infancia. Methodo intuitivo para se aprender a ler sem soletrar Baseado nos principios physiologicos da linguagem articulada. 3ª edição. Rio de Janeiro, Imprensa Mont'Alverne, 43 rua Uruguayana. 1889. 16º com 93 pags.

127.—PEDRO AUGUSTO (principe D.) Présence de l'albite en cristano, ainsi que l'apatite et de la schéelite, dans les filons aurifères de Morro-Velho, province de Minas Geraes (Brésil)—Paris. Gauthier-Villars, imprim. libr. des Compétentes Rendus des Séances de l'Acad. de Sciences, Quai des Grands-Augustins 55—1889 — 4º com 4 pags.

Extrahido dos *Comptes Rendus des Séances de l'Acad.* de Agosto de 1887.

128.—PEDRO AUGUSTO (principe D.) Breves considerações sobre a mineralogia, geologia e industria mineira do Brazil. Projecto de consolidação dos trabalhos sobre este assunto. Conferencia realizada no Instituto Polytechnico Brazileiro a 7 de Novembro de 1888. — 1ª parte, 2º fasciculo, 2ª edição. — Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 31 rua do Ouvidor 1889.—8º com 28 pags.

PORTUGAL PITTORESCO

Vista de cidades, villas e logares
mais conhecidos de Portugal

Oleographias a trinta e quarenta cores medindo
trinta centimetros de comprimento por vinte de largo

COPIAS DE QUADROS DE HENRIQUE CASANOVA

ARTIGOS DESCRIPTIVOS

DE

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

Constança.
Abrantes.
Castello de Palmella.
Bom Jesus do Monte.
Vianna do Castello.
Ponte da Barca
Villa Nova do Famalicão
Leiria.

Barcellos.
Castello de Almourol.
Braga — Porta Nova.
Guimarães.
Villa do Conde.
Arcos de Val de Vez.
Regua.
Villa Nova da Cerveira.
S)

Cada oleographia acompanhada
com o artigo descriptivo, 400 reis.

A' venda na livraria do Centro Bibliographico

41 RUA GONÇALVES DIAS 41

ULTIMAS PUBLICAÇÕES
E REIMPRESSÕES DE ALVES & C.
1888-1889

<i>Noções summarias de historia universal</i> , por João Maria da Gama Berquó, 1889, 1 vol. cart.	5\$000
<i>Diccionario grammatical</i> , contendo em resumo todas as matérias que se referem ao estudo histórico e comparativo da língua portuguesa, compilado por João Ribeiro, 1 vol.	4\$000
<i>Ethnographia brazileira</i> , estudos críticos sobre Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Theophilo Braga e Ladislão Netto, por Sylvio Roméro, 1 vol. br.	1\$500
<i>Historia antiga do Oriente</i> , por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. br.	1\$500
<i>Historia da Grecia e de Roma</i> , por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. br.	2\$000
<i>Diurnal da mocidade christã</i> , dedicado aos filhos e filhas da terra de Santa Cruz, por monsenhor Carlos Couturier, 3ª edição, 1 vol. in-32	2\$000
<i>Cathecismo da doutrina christã</i> , adoptado pelo conselho superior da instrução pública, para ser ensinado nas escolas do governo imperial, por monsenhor Couturier, 1 vol. cart.	5\$000
<i>Geographia—Atlas</i> , contendo oito mappas, seguida de um ligeiro esboço cronológico da história do Brasil e de cosmografia, dedicada á infancia, por monsenhor C. Couturier, 1 vol. obl.	1\$000
<i>Trechos escolhidos</i> para os exercícios graduados de analyse, por Felisberto de Carvalho, 1 vol. cart.	1\$000
<i>Arithmetica das escolas primarias</i> , organizada de acordo com os relatives preceitos pedagogicos, por Felisberto R. P. de Carvalho, 1 vol. in-32 cart.	8\$00
<i>Grammatica allemã</i> , theorica e pratica, por Emilio Otto, adaptada aos programmas de ensino no Brazil, por Adolpho Neumann, 1 vol.	4\$000
<i>Arithmetica da infancia e metrologia</i> , por monsenhor C. Couturier, bacharel em sciencias e em letras, professor de matematicas, 3ª edição, 1888, 1 volume in-32 cartonado	8\$00

<i>Grammatica portugueza</i> , curso superior, 3º anno, por João Ribeiro, 3ª edição, correcta e augmentada, 1 vol. in-12	3\$000
<i>Grammatica portugueza elementar</i> , curso médio (2º anno), por João Ribeiro, 1 volume	2\$000
<i>Grammatica portugueza da infancia</i> , curso primario (1º anno), por J. Ribeiro	1\$000
<i>Novo metodo pratico e facil</i> para aprender a língua francesa com muita rapidez pelo Dr. F. Ahn, adaptado ao uso dos brasileiros, por F. de Oliveira. 3ª edição 1889, 1 vol.	1\$500
<i>Grammatica analytica</i> e explicativa da língua portuguesa, pelos professores Drs. Ortiz e Pardal 6ª edição, 1888. 1 vol. cart.	2\$000
<i>Tratado de metodologia</i> coordenado por Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho, 1888. 1 vol. cart.	2\$000
<i>Geographia Geral do Brazil</i> , por A. W. Sellin, traduzida e consideravelmente augmentada, por João Capistrano de Abreu, 1889, 1 vol. cart.	2\$500
<i>Elementos de arithmetica</i> , por João José Luiz Vianna, 3ª edição correcta e melhorada, 1889, 1 vol. cart.	4\$000
<i>Geographia das províncias do Brazil</i> , pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 3ª edição, 1889, 1 vol. cart.	3\$000
<i>Noções de Historia universal</i> , pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 3ª edição, 1889, 1 vol. cart.	3\$000
<i>Epitome da historia do Brasil</i> , pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 2ª edição, 1889, 1 vol. cart.	1\$000

LIVROS

A VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO

41 Rua Gonçalves Dias 41
<i>Biologia e sociologia do casamento</i> , pelo Dr. Gama Rosa. 1 vol.
1\$000
<i>Discursos recitados na inauguração do retrato de Alexandre Herculano no Gremio Litterario do Pará. — Com retrato lithographado</i> , 1 vol.
\$300
<i>O presidente Juarez. Biographia historica</i> , por Felisardo de Azevedo, 1 vol.
\$500
<i>Manual da cultura, colheita e preparação do tabaco</i> , por Cesar Burlamaqui, 1 vol.
\$500